



JUVENTUDE E SEXUALIDADE NA ESCOLA: A REAFIRMAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES ATRAVÉS DA VIVÊNCIA DE CURSOS DE EXTENSÃO EAD

CAROLINA SANTOS DE MIRANDA
GILVANEIDE FERREIRA DE OLIVEIRA

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

Resumo:

Hoje, encontramos com frequência a sexualidade sendo tratada como um assunto pertencente a vida adulta. Os jovens tem sido silenciados em suas famílias, recaindo para escola mais uma responsabilidade de aprendizado. Através da produção de um curso de extensão via UFRPE/RENAFORM/NEFOPP, ficou claro que o professor representa uma peça fundamental nesse movimento na escola, devendo considerar as suas inquietações ligadas ao sexo e a sexualidade dos alunos, sem assumir um perfil de julgamento e condenação de ideias, posturas e práticas apresentadas, sendo estes os desafios para a docência e a formação continuada de professores não pode ficar de fora dessa discussão.

PALAVRAS-CHAVES: Formação de professores, sexualidade na escola, mediação dialógica.

Abstract:

Nowadays, often frequency found the sexuality it should only be treated in a reserved manner, and its prerogative fullness of adulthood to be shared with the partner. The youth it has silenced been in their families, falling back to school more a learning responsibility. Production hum through the course of extension for UFRPE/RENAFORM/NEFOPP it became clear that teacher representation a part movement in this fundamental school and should consider as yours linked concerns the sex of student sexuality without assuming one trial profile and condemnation of ideas, attitudes and practices presented, which are the challenges for teaching of continuing teacher at this moment in education, cannot stay out this discussion.

KEY - WORDS : Teacher Training , sexuality in school, dialogic mediation .

Introdução

O curso juventude, sexualidade e prevenção das DST/AIDS realizado na Universidade Federal Rural de Pernambuco no Departamento de Educação e ofertado pela Rede nacional de formação continuada - RENAFOR e Núcleo de estudos da formação de professores e práticas pedagógicas - NEFOPP com parceria com a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e SERPRO (Serviço Federal de Processamento de Dados) tem como finalidade o estudo sobre a sexualidade e suas múltiplas formas de manifestação. O conceito de gênero e suas implicações nas relações de gênero na vivência da sexualidade, na saúde sexual e na saúde reprodutiva. Conhecimentos sobre a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, da infecção pelo HIV e da AIDS, no contexto da promoção da saúde sexual e da saúde reprodutiva de adolescentes e jovens, serão abordados os aspectos legais da realização do teste do HIV, assim como, os direitos das pessoas vivendo com HIV e AIDS, informações científicas sobre o álcool e as outras drogas psicotrópicas e um panorama das principais drogas utilizadas no Brasil por adolescentes e jovens escolarizados/as. Abordagem histórica relativa ao uso de drogas e problematizados os mitos que dificultam uma ação preventiva realista, ressaltando a importância da construção de redes de apoio social como estratégias para o enfrentamento da vulnerabilidade dos/das os/as usuários/as de drogas psicotrópicas para as

violências e para as doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a AIDS, sendo estas, referencia para a reflexão sobre ação preventiva no contexto escolar.

Hoje, a sexualidade é tratada como um assunto íntimo, ou seja, só deve ser tratada de forma reservada e sua plenitude é prerrogativa da vida adulta a ser partilhada com o parceiro/a. Como se preparar para viver a sexualidade plena? As respostas dependem de inúmeros fatores: geração, raça, nacionalidade, religião, classe, etnia.

As dúvidas e as respostas têm sido alteradas, podem ser renovadas, reguladas, condenadas ou negadas.

Desde os anos 60, o debate sobre identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando mais acalorado, provocados pelos movimentos feministas, gays, e de lésbicas, provocando em seu processo de afirmação e diferenciação, as novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecida como “política de identidades” (Stuart Hall, 1997).

Aproveitando o hiato deixado pelas famílias, as escolas assumem a responsabilidade de incorporar ao seu currículo a disciplina educação sexual e afins. Identificado essa problemática o curso juventude, sexualidade e prevenção das DST/AIDS têm como objetivo contribuir com a formação continuada de professores da educação básica e com a proposição de ações interventivas em contextos educativos sobre temáticas relativas à sexualidade e à saúde na escola, envolvendo temas como igualdade de gênero, sexualidade, diversidade raças/etnias em suas práticas de promoção da saúde e da prevenção da DST/AIDS.

A intenção de atender a necessidade de amplitude geográfica compatível com a demanda o curso foi oferecido na modalidade de Educação a Distância (EAD), em parceria com a UNESCO usando a plataforma SERPRO. Cursos na modalidade EAD, podem ser realizados em diferentes níveis do ensino regular. No ensino fundamental, médio, superior e na pós-graduação. É mais adequado para a educação de adultos, principalmente para aqueles que já têm experiência consolidada de aprendizagem individual e de pesquisa (MORAN, 2002).

A EAD só se realiza quando um processo de utilização garante uma verdadeira comunicação bilateral nitidamente educativa. Uma proposta de ensino/educação à distância necessariamente ultrapassa o simples colocar materiais instrucionais a disposição do aluno distante. Exige atendimento pedagógico, superando as distâncias e que promova a essencial relação professor-aluno, por meios e estratégias institucionalmente garantidos.

O compromisso ético daquele que educa a distância é o de desenvolver um projeto humanizador, capaz de livrar o cidadão da massificação, mesmo quando dirigido a grandes contingentes. Para isso, é preciso ter como foco a aprendizagem do aluno e superar a racionalidade tecnológica que valoriza meios em detrimento dos fins (MORAN, 1994).

Mediante a isto, não devemos ver a EAD como um “fast-food”, onde o educando se serve de algo pronto. É uma prática que permite um equilíbrio entre as necessidades e habilidades individuais e as do grupo, de forma presencial e virtual. Nessa perspectiva, é possível avançar rapidamente, trocar experiências, esclarecer dúvidas e inferir resultados.

As possibilidades educacionais que se abrem nesta modalidade de ensino são fantásticas. Com o alargamento dos meios de comunicação, como acontece com a TV a cabo e com a internet, torna-se mais fácil poder ver-nos e ouvir-nos a distância. As possibilidades de interação serão diretamente proporcionais ao número de pessoas envolvidas. Teremos aulas a distância com possibilidade de interação on-line e aulas presenciais com interação à distância (ALVES, 2011).

O processo de mudança na Educação a Distância não é uniforme nem fácil. Iremos mudando aos poucos, em todos os níveis e modalidades de ensino. Há uma grande desigualdade econômica, de acesso, de maturidade, de motivação das pessoas. Alguns estão preparados para a mudança, outros não. É difícil mudar padrões adquiridos (atitudinais) das organizações, governos, dos profissionais e da sociedade. Por isso, é da maior relevância possibilitar a todos o acesso às tecnologias, à informação significativa e à mediação de professores efetivamente preparados para a sua utilização inovadora (MORAN, 2002).

Nesse sentido, a modalidade de ensino Educação a Distância busca conciliar o uso das tecnologias da informação (TICs) ao processo educacional, com o intuito de ampliar a possibilidade de educação (LITWIN, 2001).

Um dos principais motivos de ampliação desta modalidade é a acessibilidade, ou seja, a tornar a educação acessível para pessoas que não podem frequentar aulas regulares, devido a situações sociais, estruturais ou pessoais. Dessa forma, é muito importante atentar para os métodos e as tecnologias utilizadas, com o objetivo de melhorar a acessibilidade e não limitá-la. Outro aspecto do ensino EAD é a flexibilidade: o aluno pode estudar o período e no local lhe for conveniente (flexibilidade física); e pode estudar os conteúdos na ordem e na maneira que apropriadas às suas necessidades, desde que não comprometa a aprendizagem (flexibilidade de aprendizagem) (OLIVEIRA & SANTOS, 2013).

Na EAD, o foco é o aluno e a prioridade são as necessidades dos alunos. Isso significa que a instituição concedente do curso (representada pelos coordenadores, professores formadores e tutores) deve proporcionar materiais de aprendizagem de boa qualidade, usando meios acessíveis, e prestar um apoio suficiente para garantir que os alunos

prossigam os estudos e tenham uma boa possibilidade de completarem o curso.

Nessa modalidade o tutor virtual tem papel fundamental. Segundo Ferreira e Rezende (2004), o tutor deve acompanhar, motivar, orientar e estimular a aprendizagem autônoma do aluno, utilizando-se de metodologias e meios adequados para facilitar a aprendizagem e deve ser capaz de lidar com o heterogêneo quadro de alunos. Além disso, deve possuir alguns atributos psicológicos e éticos: maturidade emocional, empatia com os alunos, habilidade de mediar questões, liderança, cordialidade e, especialmente, a capacidade de ouvir.

Para ser um bom tutor as seguintes competências são necessárias: técnica, gerencial e pedagógica. A competência técnica refere-se ao domínio dos recursos tecnológicos utilizados no curso e domínio de procedimentos/ferramentas para a elaboração de relatórios técnicos sobre o curso. À competência gerencial relaciona-se a habilidade de planejamento a curto e médio prazo, prontidão na reformulação de estratégias para a solução de problemas e autonomia na tomada de decisões. A competência pedagógica relaciona-se com o domínio do conteúdo específico a ser trabalhado, a habilidade para estimular a busca de resposta pelo participante, o domínio de técnicas motivacionais aplicáveis à EAD, o domínio e conhecimento dos recursos didáticos disponíveis e domínio dos critérios e da perspectiva de avaliação embutidos no curso (OLIVEIRA & SANTOS, 2013; BELLONI, 2003; MILL, 2002).

É possível afirmar que o tutor, mais do que um acompanhante funcional das atividades virtuais, exerce um papel fundamental no processo de ensino aprendizagem dos estudantes, passando a ser visualizado como um professor que agrega conhecimentos técnicos da tutoria em EAD.

Desenvolvimento

A sexualidade pode ser definida e sua importância compreendida sobre vários aspectos do conhecimento. Nunes (1996) traz alguns paradigmas que podem explicar o significado da sexualidade pelos quais são importantes conhecer para melhor compreender dentro de qual perspectiva o presente trabalho deseja trabalhar.

A concepção médico-biologista, vê a sexualidade como uma dimensão biológica e procriativa do ser humano e como uma força propulsora que surge de forma natural com o intuito de procriar. Nessa visão a natureza é determinante da condição humana.

Na concepção terapêutica- depressiva, a sexualidade é considerada uma dimensão meramente subjetivista, individual ligada fortemente ao instinto e selvageria do ser humano. Nesse pensamento a sexualidade é apenas uma fonte de prazer e gratificação. O modo como Freud enxergar sexualidade está intimamente ligado a essa concepção, pois ele acredita que o desenvolvimento está relacionado com a sexualidade, que o indivíduo está repleto de desejos a realizar, desejos esses que são fundamentais na formação da personalidade do sujeito e esse desejo precisa ser realizado, quando não o é traz consequências ao desenvolvimento daquele sujeito. Por isso ele divide o desenvolvimento em fases nas quais o indivíduo sente prazer em diferentes partes do corpo ligado a fases da vida do mesmo.

A concepção normativo-construtivista, que vê a sexualidade como um aspecto da vida humana ligado a um conjunto de comportamentos socialmente permitidos, por um lado, e proibidos por outro. Implica a necessidade de passar as normas reguladoras da sexualidade, que até então eram transmitidas pela família.

Outro paradigma vem dentro da concepção consumista-quantitativa, que entende a sexualidade como uma energia da pessoa, passível de regulação e controle social. Podemos perceber claramente que ideia de sexualidade que as mídias passam através do marketing está intrinsecamente ligada a essa concepção, pois eles trazem a sexualidade muito ligada a quantidade, lógico que também está ligada a uma visão machista arraigada na nossa sociedade.

Já a concepção dialética e política, concebe a sexualidade como a dimensão mais ampla da condição humana, como uma construção pessoal e social, em que o ser humano é visto como participante ativo desse processo, uma vez que influencia na construção de valores e normas sexuais e, ao mesmo tempo, é dialeticamente influenciado por eles. Implicando no poder que a pessoa tem de ser sujeito de sua própria sexualidade.

A visão de sexualidade que adotamos no desenvolvimento do curso está ligada a essa última concepção trazida por Nunes, adotando o conceito descrito por uma autora Mary Neide Figueiró (2014), a qual faz menção ao pensamento de Nunes quando descreve “sexualidade como uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma parte do corpo”.

Nessa visão de sexualidade o sujeito é visto como um ser complexo, interagindo de um lugar diferente para Foucault, como traz Miranda (2005), o Eu torna-se sujeito e objeto simultaneamente da história. Essa forma de interação promovida pelo meio entre sujeito e objeto constitui o que Guattari (parafraseado por Miranda, 2005), chamou de subjetividade. Em uma visão onde o sujeito é visto como um ser que se desenvolve transdisciplinarmente e não de

forma dicotomizada.

Por essa concepção de sujeito que adotamos não se poderia pensar na educação de forma diferente de uma educação para a liberdade e por isso o uso do termo educação sexual, pois segundo Figueiró (2014) esse termo é coerente com a visão de aprendizagem como processo e do aluno como participante desse processo de forma ativa.

Defende-se a formação continuada de educadores sexuais não só pelo fato desse eixo não ter estado presente nas suas formações, mas pela concepção descrita por Figueiró (2014), que acredita e uma formação de professores guiada pelo processo reflexivo e a reflexão sobre a prática só pode ser feita quando o mesmo já se encontra em sala de aula, pois só assim ele poderá ter consciência do que de fato é ensinar, coisa que não consegue se percebido no período da sua formação inicial. Esse é o modelo de formação continuada de professores baseada na reflexão, o qual acreditamos.

Metodologia

Esse curso teve como público alvo principal professores dos mais variados modalidades de ensino e profissionais da Saúde. Entretanto, também contamos com a participação de profissionais de outras áreas, como fisioterápicos, psicólogo e alguns estudantes universitários. Além disso, o curso teve uma extensão nacional, com a participação de um estudante de Brasília e de São Paulo, além de contarmos com a participação de cursistas das mais variadas regiões de Pernambuco.

Antes que as inscrições para o curso fossem iniciadas (cerca de dois meses antes), as tutoras realizaram o estudo do conteúdo, ação necessária uma vez que os tutores virtuais devem ter domínio do conteúdo (OLIVEIRA & SANTOS, 2013; BELLONI, 2003; MILL, 2002). O curso prévio também tinha o objetivo de conhecer o ambiente virtual de aprendizagem (AVA) no qual se daria os estudos: a Plataforma Serpro.

Após os estudos prévios foram abertas as inscrições dos alunos na Plataforma Serpro. Quando as inscrições para o curso foram concluídas, verificamos cento e cinquenta e cinco (155) inscritos. Embora tivéssemos proposto que o a turma teria cento e vinte matriculados, decidimos manter todos os inscritos por considerar a possibilidade de desistências ao longo do curso.

Finalizadas as inscrições, iniciamos o cadastro dos inscritos na Plataforma Serpro. Os inscritos foram distribuídos entre as cinco tutoras, as quais organizaram e enviaram os dados daqueles para o Administrador da Plataforma. Assim, cada tutora esteve responsável pelo cadastro de trinta e uma (31) pessoas.

O curso juventude, sexualidade e prevenção das DST/AIDS aconteceu no período de fevereiro a agosto de 2014, Nossa equipe de trabalho foi formada pela coordenadora Gilvaneide Oliveira, professor formador Sérgio Oliveira da área de saúde e 4 tutoras Débhora, Edna, Givania, Jaqueline e Rosimery. Os assuntos tratados eram: planejamentos das atividades a serem desenvolvidas com os professores participantes do curso. A equipe citada ficou responsável de formar 150 professores, sendo dividido entre as 4 tutoras, 30 cursistas para cada tutoras.

O curso foi realizado na modalidade semipresencial, com atividades desenvolvidas em ambiente virtual de aprendizagem, o SERPRO (Serviço Federal de Processamento de Dados), no qual foram disponibilizados conteúdos e atividades, através de fóruns e chats dentre outros recursos de apoio à aprendizagem e a proposição de práticas interventivas nos espaços educativos.

Os encontros presenciais ocorreram na Universidade Federal Rural de Pernambuco no Departamento de Educação, nos sábados no período da manhã. Ao total tivemos 14 encontros, sendo dividido da seguinte maneira 7 para formação com a coordenadora, professor formador e tutoras. Nesses encontros a equipe decidia como ocorreria a dinâmica das atividades com os professores e o que seria discutido. Os outros 7 encontros acontecia com a coordenadora, professor formador, tutoras e com os professores que estavam realizando o curso. Os encontros com os alunos eram para tirar dúvidas, discutir os conteúdos da plataforma do SERPRO, realização de dinâmicas em grupo, relatos de experiências vividas por cada integrante do curso, leitura e discussão de texto e orientação para escrita de proposta de trabalho com o tema cursado.

Resultados e Discussão

Apesar de termos 150 cursistas, o público nos encontros presenciais mantém-se em torno de 60, e geralmente eram os mesmos cursistas participantes, isso se dava pela distancia que os demais alunos residiam, sendo em locais muito distantes do Recife.

Na participação dos cursistas na plataforma, demoram para acessar a plataforma e justificaram a distancia temporal entre uma atividade e outra com a dificuldade em se dedicar a leitura após um dia de trabalho, pois a maioria dos cursistas acessa a plataforma a noite (em dias úteis) e, sobretudo, no fim de semana.

Percebemos que alguns respondem as atividades sem realizar leitura e estudo reflexivo dos textos, pois as respostas

são superficiais, arbitrárias. Contudo, os 6 (realizam sequencialmente as atividades) supracitados demonstram estar, de fato, estudando.

Quando há dúvidas pontuais e individuais na resolução de alguma atividade, costumo fazer comentários ao avaliar e atribuir os créditos da questão. Mas quando identifico que a dúvida é da maioria, envio uma nota de esclarecimento para todos, em e-mail comum.

Notamos que os cursistas não interagem nos Fóruns: apenas respondem e comentam alguma resposta, sem estabelecerem diálogo entre si. Além disso, o fato de a maioria dos cursistas demorarem a responder aos Fóruns atrapalha, de certa forma, a resposta do outro cursista que esteja mais adiantado. Diante dessas situações, tenho postado também comentários nos fóruns.

A reclamação é insistentemente em não ter como saber, pela plataforma, o ponto em que parou os estudos. Diante disso, enviei relatórios dos módulos de cada um, indicando as atividades não respondidas. Mais recentemente enviei-lhes uma tabela para que eles marquem as atividades a medida que responderem, diz a tutora.

Os cursistas que participam dos encontros presenciais demonstram realmente estarem dedicados ao estudo visando intervenção e melhor orientação junto aos adolescentes e jovens com os quais trabalham.

Em relação a tutoria, para melhor acompanhar as atividades dos cursistas elaboramos planilhas. Nestas, há todas as atividades e fóruns por Módulo do curso, os quais são marcados assim que o cursista responde (indicando a data na qual a atividade foi realizada). Também para melhorar a autonomia e o avanço nos estudos, elaboramos planilha semelhante e enviada aos cursistas, para que eles mesmos deem o visto em suas atividades respondidas e não fiquem confusos ao retomar os estudos.

Esse curso mostrou para nós enquanto pesquisadores, a necessidade que os professores tem de um espaço para expor suas angústias acerca de suas práticas, principalmente quando estão relacionadas ao ensino de sexualidade.

Figueiró (2014) comprova em suas pesquisas relacionadas a formação continuada de educadores sexuais, que a sexualidade é uma das questões que mais traz dificuldades na prática cotidiana dos professores.

Reafirmando a certeza de que os cursos de formação continuada de professores são extremamente necessária para suas práticas docentes, afinal os mesmos não tiveram contato com áreas de conhecimento como ensino de sexualidade em sua formação inicial.

Muitos pesquisadores tem comprovado essa necessidade dos professores em suas pesquisas. Vainsencher (1987), desenvolveu uma pesquisa em Pernambuco e constatou o despreparo dos professores em lidar com educação sexual e o anseio que eles tem em melhorar suas práticas nesse sentido.

A formação continuada de professores se for pensada dentro de um modelo reflexivo poderá contribuir muito com esses profissionais para uma práxis mediadora dialógica. Freire (1996) um dos defensores da práxis do diálogo como facilitador da aprendizagem, afirma a importância de uma reflexão crítica sobre a prática mas fácil vem a mudança na minha práxis como professor, sendo levado de certa forma a mediar o ensino de forma dialógica.

Considerações finais

O curso deixou claro que cabe a nós, pais e educadores, procurarmos maneiras de orientar de forma eficaz a juventude, sobre essa descoberta da sexualidade sem causar problemas. É necessário oferecer informações claras e objetivas para tirar o jovem do obscurantismo sexual em que está mergulhado e mostrar que AIDS, DST e Gravidez fazem parte da nossa realidade e que estamos sujeitos às situações e riscos. Apesar das mudanças serem lentas, é de extrema importância, e devem ser um estímulo ao processo de sensibilização, esclarecimento e orientação aos jovens quanto às práticas seguras do sexo, considero importante refletir sobre os conhecimentos adquiridos na vida pessoal, acadêmica e profissional.

Mesmo diante das dificuldades apresentadas, acreditamos que o curso possibilitou a participação dos alunos na democratização do ensino, adquirindo assim, os mais variados conhecimentos acerca do tema sexualidade. Dessa forma, sendo a EAD um instrumento capaz de atender um grande número de pessoas simultaneamente, os cursos a distância, especialmente o curso sobre essa temática, possibilitou que as leituras e discussões chegassem aos indivíduos que estão distantes dos grandes centros urbanos, locais onde são geralmente ministrados esses debates.

Quanto às sugestões apresentadas, nos parecem bastante significativas, principalmente em relação ao roteiro de navegação, que tende a contribuir significativamente para o bom desenvolvimento do curso. Outro ponto que gostaríamos de enfatizar é a sugestão do link de perfil, que ajudaria os cursistas a localizarem o último acesso, facilitando assim as realizações de suas atividades, evitando a perda de tempo, uma vez que necessitariam para refazer as tarefas, por não terem a certeza de já terem realizado.

Foi muito gratificante termos participado deste curso, o aprendizado realizado foi muito além das expectativas, o maior

desafio foi conciliar o tempo com as outras atividades desenvolvidas, mas foi a troca de experiências entre os alunos, os tutores, professor formado e a coordenação do curso foi fantástico, além de pode contribuir com cursistas de outras turmas, finalizando numa só equipe em prol da juventude e sexualidade na escola.

Sendo assim, desejamos que tenhamos avanços nas futuras versões desse curso, sendo, portanto representado pelo melhoramento e aperfeiçoamento do mesmo, tanto na versão online quanto nos encontros presenciais, principalmente para o bem estar do educando e o desenvolvimento profissional dos professores cursistas.

Referencias:

ALVES, L. *Educação à distância: conceitos e história no Brasil e no mundo*. **Associação Brasileira de Educação a Distância**, v. 10, 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/revista_pdf_doc/2011/artigo_07.pdf> Acesso em: 16 ago. 2014.

BRANDÃO, E. R. *Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil*. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

BERNARDINO, H. S. *A Tutoria na EAD: Os Papéis, as Competências e a Relevância do Tutor*. Revista Paidéi@, UNIMES VIRTUAL, Volume 2, número 4, Julho. 2011. Disponível em: <<http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>>. Acesso em: 10/01/2013.

BELLONI, M. L. *Educação a Distância*. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

BORGES, F. *La frustración dl estudiante em línea: causa y acciones preventivas*. Digithum UOC. N. 7. 2005. Disponível em: <http://www.uoc.edu/digithum/7/dt/esp/borges.pdf> > Acesso em: 10 ago. 2014.

FERNANDES, P. C. O papel do tutor na educação a distância. *Portal Educação: conhecimento para mudar sua vida*. 16 de abril de 2013. Disponibilidade em:><http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/44228/o-papel-do-tutor-na-educacao-a-distancia> > Acesso em: 18 de mar. 2014.

FERREIRA, M.M.S. e REZENDE. R.S.R. *O trabalho de tutoria assumido pelo Programa de Educação a Distância da Universidade de Uberaba: um relato de experiência*. 2003. Disponível em: <www.abed.org/seminários2003/testo19.htm>. Acesso em 13 de novembro de 2009.

FIGUEIRÓ, M. N. D. *Formação de educadores sexuais: Adiar não é mais possível*. 2. ed. Londrina: Eduel, 2014

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guarareira Lopes Louro.

LITWIN, E. (Org.). *Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MILL, D. *Educação a distância e trabalho docente virtual: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia*. 2006. 322f. Tese (Doutorado em Educação)—Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG), Belo Horizonte, 2006.

MILL, D. *Estudos sobre processos de trabalho em educação a distância mediada por tecnologias da informação e da comunicação*. Belo Horizonte: FAE/UFMG. 2002. 193p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

MERCARDO, L.P.L. *Dificuldades na Educação a Distância online*. 2007. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200761718PM.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

MORAN, J. *O que é Educação a Distância*. Universidade de São Paulo. 2002. Disponível em:<<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>> Acesso em: 15 ago.2014.

OLIVEIRA, E.S.G.; SANTOS, L. *Tutoria em Educação a Distância: didática e competências do novo “fazer pedagógico”*. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 13, n. 38, p. 203-223, jan./abr. 2013.

OLIVEIRA, M.M. *Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

VAINSENCER, S. A. *Educação Sexual: E o professor?* Relatório de pesquisa. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1987.

A autora é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE e Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ. E-mail: carolbioufrn@yahoo.com.br
A coautora é Doutora em Ciências da Educação e Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. E-mail: gil@ded.ufrpe.br

Recebido em: 04/07/2015

Aprovado em: 04/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: